
Resenhas

BOFF, Leonardo, *Ethos Mundial. Um Consenso Mínimo entre os Humanos*, Brasília, Letra Viva, 2000, 165 pp.

Leonardo Boff é um grande escritor da atualidade. Professor de teologia, filosofia, ética, espiritualidade e ecologia, sempre trabalhou na academia, mas também estava presente nos meios populares organizando comunidades eclesiais de base. Juntamente, com Frei Betto, Gustavo Gutiérrez e outros teólogos, fez nascer a Teologia da Libertação na América Latina. Ultimamente, suas obras, que são muitas, estão voltadas para a dimensão ecológica e holística, procurando demonstrar uma humanidade centrada na vida como um Todo.

A obra tem a intenção de propor a construção de uma Ética Mundial, necessária para a humanidade por uma questão de sobrevivência. A sobrevivência da Terra e dos filhos e filhas da Terra é o grande objetivo da obra de Leonardo Boff, que provoca uma reflexão acerca de tal questão para pensarmos com seriedade e responsabilidade. A urgência desta ética exige refletir os três problemas que cerca a atual conjuntura mundial e suas respectivas conseqüências. Estes problemas são: 1. A Crise Social (o agravamento da pobreza); 2. A Crise do Sistema de Trabalho (desemprego estrutural); 3. A Crise Ecológica (degradação do ambiente). Por isso, toma-se exigente e urgente um novo pacto ético da e para a humanidade.

No capítulo 1 (pp. 13-21), será trabalhada a *urgência de um Ethos Mundial*. Qual é o *Ethos Mundial* que precisamos? Analisar-se-á a crise social e as mudanças tecnológicas (robotização e informatização) que propiciaram um crescimento na produção de riquezas para uns poucos, aumentando a desigualdade, a acumulação, a não distribuição dos bens e a decadência da solidariedade, fazendo crescer as massas excluídas. Com a automatização do traba-

lho houve uma dispensa em massa do ser humano, ou seja, trocou-se a mão-de-obra humana por máquinas inteligentes e trabalhadores descartáveis, formando, assim, um grande exército de excluídos. Esta é a crise do sistema de trabalho. No entanto, o trabalho vem tomando um rumo interessante, pois estamos voltando a ter uma concepção de trabalho que esteve presente na essência humana. Há um retorno à criatividade de se produzir, um retomo à natureza original deste modo de se trabalhar, entendido aqui como ato criador do homem. A crise ecológica fica clara a partir dos dados oficiais da ONU, onde se afirma que o ser humano está construindo um princípio de autodestruição, com a grave ameaça de desequilíbrio ecológico.

Neste sentido, é possível uma revolução em tempos fortes da globalização? A partir deste questionamento, Boff analisará as causas que envolvem estes aspectos já citados.

Qual é a causa da crise social? Para Boff, a causa está no acesso, na produção e distribuição dos bens materiais e culturais. Em se tratando de sociedade contemporânea, os valores da solidariedade e da cooperação encontram-se à margem, esquecidos. A sociedade está alicerçada no desempenho individual e na competitividade. A causa da crise ecológica poderia ser vista a partir da relação de séculos entre os seres humanos e o planeta. Foi uma relação de domínio (denominado como projeto *Dominium Mundi*), de não reconhecimento de sua alteridade, de falta do cuidado necessário e da falta de respeito exigido. A causa está no homem, que sempre desejou o poder de estar sobre (dominação) à natureza, esquecendo-se do princípio de estar junto (em comunhão) com a natureza. Dessa maneira, destruiu-se a consciência de comunidade bioética, terrenal e cósmica, formando-se uma consciência de apropriação utilitarista e anti-ecológica. A causa da crise do trabalho está no processo de industrialização que veio sendo desenvolvido desde o século XVIII, com as primeiras revoluções industriais e com o fim da manufatura. Com a tecnologia, o homem foi substituído por máquinas robotizadas, tornando-se assim, um ser sem sentido e descartável para o pensamento neoliberal que se efetivou no século XX com a globalização.

Para Boff, tornou-se necessário uma revolução global, para que se conserve um mínimo de sustentabilidade. Para isso, as propostas apresentadas são: que haja mudança de um paradigma civilizatório, que se possam reinventar as relações e que se pense no princípio de colaboração entre os povos, as culturas e as religiões, pois os problemas gritam por um encaminhamento eficaz para toda a humanidade. A aliança como pacto ético universal se fundamenta no *pathos*.

O *pathos* é a dimensão humana que deixa florir a sensibilidade humanitária e a inteligência emocional, assumindo como princípio ético o cuidado com tudo e com todos(as), a responsabilidade social e ecológica, a solidariedade geracional e a com-paixão. O *pathos* deve ser entendido como uma revolução ética que desperta e respeita o momento histórico no qual vivemos e como um conjunto de inspirações, valores e princípios. Assim, o *Ethos* mundial se fará a partir das relações humanas com a natureza, com a sociedade, com as alteridades, consigo mesmo e com o transcendente que é Deus.

Já no capítulo II (pp. 23-31), o autor vai analisar *o sentido do planetário como novo patamar da Terra e da Humanidade*. A nova consciência da Terra deve se expressar a partir da cidadania planetária e pelo cuidado na preservação do patrimônio cultural. A Terra agora entendida como Mãtria e Pátria. Enquanto não surge um novo modelo de estado-nação, cabe a este formar e construir um espírito de parceria global e buscar soluções para todo o planeta e para toda a humanidade. Para que isso se efetive, Boff nos apresenta quatro dimensões que ajudarão o homem nesta busca por uma nova consciência.

Primeiro, uma visão ecocêntrica, seguramente globalizada, onde o macrossistema orgânico terá como centro a Terra e não mais os blocos continentais, países ou culturas. A Terra passa a ser entendida como sendo toda a humanidade. “(...) Não se pode pensar a Terra-Gaia e a humanidade à parte dos demais representantes da vida e das condições físico-químicas que garantem a existência e a perpetuidade da vida” (p. 25).

Segundo, que haja uma ética global a partir da ótica global, ou seja, tem-se uma realidade global, logo, exige-se uma ética global. Hoje predomina uma ética a partir das diferentes morais e de suas

respectivas culturas. A éticas culturais determinam os valores, as normas e as práticas existenciais, sociais e ecológicas para o ser humano. O *Ethos* é uma atitude de responsabilidade, de cuidado com a vida, de convivência societária, de preservação da Terra. A proposta seria construir um *Ethos* que se ajuste ao momento histórico atual que é de consciência global e planetária. A experiência humana clama por um *Ethos* globalizado e planetizado que conduza todos(as) a uma nova sensibilidade, o *pathos*, que estruturará uma nova civilização ética.

Terceiro, a necessidade de uma globalização e de uma nova cosmologia. O *Ethos* aqui proposto deve ser assumido pela perspectiva da globalização apresentada pela cosmologia. Deve-se voltar ao *pathos*, por uma casa comum, aberta a todos(as) e que a Terra seja entendida como uma realidade una e complexa em suas totalidades físico-química, biológica, sócio-antropológica e espiritual. Construir uma consciência de que a Terra e a humanidade fazem parte de um mesmo corpo orgânico e sistêmico: conseqüentemente, a comunhão entre a Terra e a humanidade se dará, também, com o todo que é o cosmos infinito.

Quarto, a necessidade de um diálogo obrigatório de todos com todos. Para isso, deve-se fomentar um princípio básico de unidade complexa. A unidade complexa é um projeto coletivo de toda a humanidade e não se dá a partir de um modelo único, por exemplo, o ocidental europeu. Todos devem incorporar este espírito de participação construtiva, por isso a proposta parte de um princípio que chama todas as civilizações e nações com suas pluralidades culturais, étnicas e religiosas.

Na verdade, a Terra está ameaçada com o desequilíbrio ecológico (ecologia ambiental) e com as pesadas injustiças sociais (ecologia social). Estando ameaçado o planeta, Boff vê a urgência de um princípio de inserção ecológica integral, ético e moral. Por sua vez, as culturas são chamadas a manter a singularidade e a abrir um diálogo com as outras. Se isso não acontecer, as culturas fecham-se em si mesmas, caindo, muitas vezes, num fundamentalismo étnico de todo o gênero. Boff, apresenta o paradigma holístico contemporâneo que relaciona tudo com tudo, como uma postura global que faz pen-

sar globalmente (universal) e agir localmente (singular). Por isso, o autor questiona a todos(as) com a seguinte interrogação: Que ética e que moral importa viver nesta era ecozólica e planetária?

No terceiro capítulo (pp. 33-48), o autor mostrará, e nos questionará, *como fundar uma ética planetária*. Para que isso aconteça, a humanidade precisa criar certos consensos, coordenar certas ações, coibir certas práticas, elaborar expectativas e projeto coletivos com uma referência ética e moral comum a todos, referência para a totalidade. Esta referência criará um acordo entre todos os povos como exigência necessária.

A priori, precisa-se entender: O que é Ética e o que é Moral? Ética é o singular, faz parte da natureza humana, está presente e se encontra na pessoa. Moral é o plural, as distintas formas de expressão cultural, está na sociedade. Ética vem do grego *Ethos*, significa a morada, o abrigo permanente. A Ética é uma construção humana, logo, é obra de cultura. O *Ethos* não está acabado, mas aberto a ser construído (fazer), a ser reconstruído (refazer) e a ser cuidado. O *Ethos* pode ser denominado como uma atitude de viver bem, morar bem... Por isso, a Ética tem seus fins fundamentais (morar bem), seus valores imprescindíveis (defender a vida) e seus princípios fundadores da ação (dar de comer). Para Platão, o *Ethos* é o Bem que precisa de mediações por meio dos hábitos, das normas e das maneiras de agir. Já em Aristóteles, o *Ethos* é a felicidade que também pede mediações dos hábitos, das virtudes e dos estatutos jurídicos, para que aconteça a auto-realização pessoal e societária. A Moral vem do latim *mos, mores* que significa os costumes e os valores de uma determinada cultura. Entende-se por costumes "o conjunto de valores e de hábitos consagrados pela tradição cultural de um povo" (p. 36).

Num segundo momento, pode-se perguntar como se relaciona a ética com a moral. O *Ethos* tem dois sentidos: o primeiro significa a morada (ética) e o segundo são os costumes e as tradições (moral). A falta de ética significa a falta de princípios e de atitudes fundamentais ao ser humano. A falta de moral significa os atos contrários aos princípios. Neste sentido, o que pode ser ética e quem define a ética e a moral para toda a humanidade? Na tradição grega, cabia ao *logos*

(razão) definir o que é bom e habitável para todos. Mas o *logos* (razão) não está acima da *physis* (natureza). A *physis* se expressa por meio do *logos*. A razão e a natureza se expressam a partir da intuição, da simpatia e da empatia, formando uma dimensão do ser humano atrelada ao *pathos*. Ambas, visam a felicidade como auto-realização de todo ser humano, social e ecologicamente, integrado e equilibrado. Pode-se entender que, tanto o *logos* e a *physis* construirão o *pathos*, que é o alicerce para o *Ethos* Mundial. Na história percebe-se que o *logos* e a *physis* caminharam por lados opostos, não construindo ou, poderíamos dizer, deixaram de realizar o *Ethos*, a morada humana equilibrada e integrada. Ficou-se muito preso aos conceitos medievais, onde a natureza era compreendida a partir da metafísica, com sua forma estética baseada em lei imutáveis e previsíveis. Aqui, a natureza é concebida como um sistema acabado e fechado.

Num terceiro momento, refletir-se-á sobre os dois projetos éticos da modernidade.

Na Idade Moderna, a compreensão do *logos* está baseada no subjetivismo cartesiano, onde o sujeito racional é o portador do *logos*. Neste sentido, há dois sujeitos coletivos: a burguesia que domina o mundo pelo saber científico-técnico (HEGEL) e o proletariado que tenta revolucionar as relações sociais e construir uma sociedade mais justa e solidária para todos (MARX). Na Idade Moderna, cada um destes dois sujeitos coletivos funda seu *Ethos*, com seus princípios, seus valores e suas utopias. A Moral da burguesia se alimenta através da acumulação, da posse, do controle dos meios de produção e dos instrumentos de subjetividade. A Moral do proletariado se alimenta através da pretensão em alargar o poder de pressão, de aumentar sua fé de classe, de internalizar nas pessoas as idéias revolucionárias e de ocupar o estado para transformá-lo. O *Ethos* do proletariado tem uma tradição socialista, cujos aspectos estão imersos na generosidade e na solidariedade para com os oprimidos. Já o *Ethos* da burguesia tem uma tradição capitalista, onde prevalece o individualismo e a concorrência, limitando a dimensão solidária do ser humano. Esta tradição capitalista tornou-se a grande ameaça à natureza e para a humanidade.

Num último momento, será exposta a dimensão da natureza e do espírito na ética contemporânea. O *logos* subjetivo que foi construído no período medieval e moderno caminhou ao sabor do conceito de *logos* universal e cósmico, baseado na *physis*. Percebe-se, que está havendo um retorno ao conceito grego de natureza. Esse *logos* universal produz em nossa história a cultura suas significações e os processos de espiritualização. O conceito de natureza contemporânea se forma sob dois aspectos: o da subjetividade e o da espiritualidade. Esta natureza não é mais o *logos* que dá acesso, mas sim, a intuição, o simbólico e o sacramental. Este conceito de *physis* contemporânea está movido pelo *pathos* (estrutura de sensibilidade), pelo cuidado e pelo *Eros* (estrutura do desejo). Na verdade, formou-se uma relação dialética entre o ser humano e esta natureza.

No Capítulo IV (pp. 49-100), Boff nos mostrará *as formas de universalização do Discurso Ético*. Como criar um consenso mínimo, com valores éticos que ajudem a resolver as três questões globais: a crise social, o desemprego estrutural e a ecologia. Dessa maneira, o autor apresenta as principais argumentações éticas e morais para a construção de uma ética planetária, fundamentando um possível *Ethos* Mundial.

A primeira argumentação está alicerçada no utilitarismo social que têm seus alcances e limites. O utilitarismo é uma visão pragmática que busca argumentar em favor das medidas que levam-nos a maior felicidade e à realização plena da humanidade. O *Ethos* utilitarista apresenta alguns princípios importantes que regem todo o corpo desta argumentação. São eles: o princípio da consequência, da utilidade, do hedonismo e do social. Todos se referem às ações como boas ou más, úteis ou não. Para o hedonismo, o bem tende, por natureza, a satisfazer as necessidades humanas. No princípio social significa verificar se o bem está sendo construído para o maior número possível de pessoas. Mas qual é a aplicação destes princípios à globalização? A aplicação seria preventiva, ou seja, não colocar ações que tenham consequência destrutiva ao sistema-Terra. A garantia do planeta acontecerá por meio de uma revolução social que defenda a vida e a dignidade dos pobres e excluídos(as), na dinâ-

mica de uma construção social baseada na justiça e numa consciência ecológica. Na verdade, para Boff, o utilitarismo social possui uma ética dos satisfeitos e não moverá uma palha para transformar esta situação. O pragmatismo utilitarista sacraliza o discurso prático e teórico da ordem vigente.

A segunda argumentação é a de uma ética da ação comunicativa baseada na justiça. Sua origem está na tendência da escola de Frankfurt que é de tradição marxista com ideais de democracia. Suas pretensões são libertárias e universalistas, tendo em Habermas seu maior representante. A dimensão ética proposta por Habermas se dará na emancipação, nos direitos do cidadão, na democracia e no diálogo prático comunicativo. A aplicabilidade de seus princípios requer que se tenha um pacto social universal para que não se destrua o sistema-Terra (questão ecológica), construindo uma democracia sócio-cósmica. E, também, pelo processo de diálogo global entre todos os povos, no sentido de garantir a vida a cada cidadão terrestre.

A terceira argumentação se dá a partir da ética fundada na natureza. É uma argumentação ética pela lei natural a partir de Santo Tomás que toma Aristóteles como referencial. É uma argumentação da moral católica que estabelece uma base de referência comum onde todos participam porque são portadores da natureza humana. A argumentação da natureza *“sublinha o fato de que a felicidade da vida humana não é arbitrariamente construída à revelia das condições que a própria vida humana coloca.”* (p. 69) Percebe-se que o autor levanta duas visões de natureza, a primeira a partir da moral católica de cunho fixista e metafísico com raízes na escolástica medieval e a segunda, de cunho mais filosófico, que apresenta as dimensões da inflexibilidade e da imutabilidade do ser. A natureza humana, neste sentido, é um dado singular, sempre aberto, pois veio se formando com os outros seres ao longo do processo evolutivo e ainda não se encontra pronto e acabado. E histórica, porque é trabalhada pela liberdade humana que a molda, lhe dá configurações culturais e a mantém aberta a novas concreções futuras. A natureza não conhece os excluídos. A lógica da natureza é a inclusão de todos(as) num mesmo plano universal. Em relação ao desemprego estrutural, a natureza dita que é necessário organizar a sociedade mundial no

sentido político e econômico, fazendo uma distribuição de renda que tome o homem como um ser que possa criar sua fonte de sustento.

A quarta argumentação apresentada baseia-se numa ética mundial fundada nas tradições religiosas. O teólogo Hans Küng é o representante máximo na busca de um *Éthos* mundial. Diz ele: "*um Ethos mundial para uma política mundial e para uma economia mundial*" (p. 76). Hans Küng critica os modelos atuais de universalização ética, pois se esqueceram de inserir os conceitos religiosos, importantes para a elaboração de um *Ethos* mundial. A nova ordem mundial, para Hans Küng, só poderá ser construída quando houver um *Ethos* mundial de consenso entre os povos. Mas, para que isso realmente aconteça, torna-se necessário resgatar o conceito e a atitude de paz entre as religiões; e só haverá paz entre as religiões se houver um diálogo permanente entre elas. A paz religiosa é sinônimo de uma paz política. Os valores que gritam a formulação de um *Ethos* mundial são permeados pelo consenso mínimo que exige duas atitudes: a verdade concreta e a justiça irrenunciável. A verdade concreta é um dizer não, é um romper com as mentiras e com a situação social e econômica que gera em nossa sociedade a pobreza e a exclusão social, enfim, significa dar um basta a uma situação imposta e criar uma nova alternativa para o ser humano. A justiça irrenunciável também é um dizer não, um dizer e um gritar chega, basta! Chega de prisões e torturas, chega de exploração e abusos de toda a ordem, chega de chacinas, chega de limpeza étnica, pois a justiça deve prevalecer frente a esses postulados injustos para o ser humano.

O consenso mínimo é um direito à vida e somente a religião pode dar normas éticas verdadeiras que a componha, pois a razão abstrata pode ser compreendida apenas por alguns setores da sociedade. A importância da religião no inconsciente popular é muito grande, principalmente na família, com suas convicções religiosas que ressaltam a força pela qual o ser humano se alimenta de vida e esperança.

Em nossa sociedade capitalista e neoliberal, a centralidade das coisas está na economia que desumaniza e despersonaliza o ser humano com as altas taxas de juros, com os níveis de inflação, os índices de crescimento material e com as oscilações da bolsa de valo-

res. A proposta de Hans Küng rompe com essa centralidade econômica e coloca no centro da vida do homem e da mulher de hoje a humanidade humanizada e personalizada.

A quinta argumentação vem afirmar a ética fundada no pobre e no excluído. Boff vai analisar uma situação real da grande parte da humanidade que é o empobrecimento e a exclusão. Esse dado deve suscitar nas pessoas atitudes de com-paixão e solidariedade. Esta ética vai efetivar-se em duas tradições proféticas: o manifesto do Partido Comunista de 1848 e a Teologia da Libertação. Essas duas tradições são tidas como verdadeiros movimentos éticos de protesto contra a miséria e de solidariedade para com os miseráveis. O princípio supremo é libertar o pobre. Mas como libertar o pobre? Denunciando um sistema que exclui e produz o pobre. Lutar contra o opressor que produz o pobre e o excluído. Criar um mundo alternativo que não contemple a exclusão e a pobreza.

Enrique Dussel vai ser a grande figura dessa argumentação. Para ele, como podem os discursos éticos e as ideologias que operam o planeta universalizar suas propostas, deixando de fora os pobres e excluídos, que constituem a grande parcela da humanidade? Dussel vai afirmar que não há um juízo ético histórico-social da realidade. O que há é um privilégio epistemológico nos excluídos. Por eles, faz-se um juízo ético-crítico sobre o sistema de poder dominante (cf. p. 85). O pobre grita contra uma exclusão gerada pela imposição de um sistema único a todos(as), que tenta afirmar um discurso ético seletivo, que encobre as coisas, no abstrato e no parcial. Este sistema tem duas características que revelam o rosto maquiavélico dos dominantes: primeiro, o monoteísmo político do neoliberalismo; segundo, o fundamentalismo do mercado. Dussel afirma que a universalidade se construirá a partir da personalidade daqueles que estão à margem e que têm seu ser negado e destruído. Diz Dussel: "*Consciência ética é saber abrir-se ao outro e levá-lo a sério (responsabilidade) em favor do outro ante o sistema*" (p. 86). Dussel, também, vai afirmar a necessidade de uma ética da justiça (política, erótica, pedagógica e antifetichista) que precisa ser ancorada por uma hierarquia de valores que dê a prioridade a um *Ethos* mundial. Tal ética formulada e

refletida por Enrique Dussel “*continua valendo até que se cale o último grito do último oprimido do último rincão da Terra*” (p. 89).

A sexta argumentação refere-se à *dignitas Terrae* ou uma ética eco-centrada a partir de uma visão integradora e holística. Nesta argumentação vai ser apresentada a proposta da **Carta da Terra**, seus antecedentes históricos de 1972 até nossos dias. A Carta da Terra “*é um código universal de conduta para guiar os povos e as nações na direção de um futuro sustentável*” (p. 90). A Carta da Terra está sendo levada em frente por meio de duas ONG’s, o Conselho da Terra e a Cruz Verde Internacional, ambas com o apoio do governo da Holanda. O grande mérito da Carta da Terra é apresentar 16 itens fundantes para se construir um novo *Ethos* mundial onde tudo esteja intro-retro-relacionado com tudo. Seu conteúdo está dividido em 4 partes que são: I) Respeitar e cuidar da Comunidade da Vida; II) Integridade Ecológica; III) Justiça social e econômica; IV) Democracia, não-violência e Paz.

A sétima e última argumentação vai dizer que as formas de argumentação apresentadas não podem continuar caminhando sozinhas, mas unidas elas se contemplam. Por isso, exige-se o resgate da morada humana, do *Ethos* como princípio de uma justiça mínima, veneração sagrada e de compaixão necessária.

No quinto capítulo (pp. 101-106) será mostrada *a dimensão do pathos como nova plataforma de um Ethos humano e planetário*. Sabemos que o Ocidente paga um pesado tributo ao logocentrismo grego e cartesiano. Boff apresenta a razão como afetividade e cuidado essencial (*Pathos*) e, num segundo momento, como experiência espiritual. A experiência do ser humano na dimensão do *pathos* que se dará pelo sentimento, afeto e cuidado. O *pathos* é definido como “*a capacidade de sentir, de ser afetado e de afetar*” (p. 102). O *pathos* não se opõe ao *logos*, pois sentir é uma ação do conhecimento. Para Boff, “*o conhecimento pelo pathos se dá num processo de sim-pathia, quer dizer, de identificação com o real, sofrendo e se alegrando com ele e participando de seu destino*” (p. 104).

O *pathos* precisa ser transformado num projeto histórico onde se contemple a dimensão racional das coisas. *Logos* e *Pathos* são

chamados a caminhar de mãos dadas na construção do *Ethos* Mundial. Da união entre o *logos* e o *pathos* nascerá o cuidado, que é a expressão da essência humana.

No sexto capítulo (pp. 107-125), o autor vai mostrar e analisar *os imperativos de uma ética mundial* a partir das várias dimensões da ética. A ética do cuidado vai ser a expressão da essência humana (cf. BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: ética do humano, compaixão pela terra*, Vozes, Petrópolis, 1999), e “*uma relação amorosa que descobre o mundo como valor*” (p. 107). O cuidado manifesta-se como dimensão subjetiva, entendida como parte do Todo. Mas, também, é uma negação da entropia e uma afirmação da sintropia. Os principais eixos do cuidado como fundamento ético são o cuidado com o nosso único planeta, com o próprio nicho ecológico, com a sociedade sustentável, com o outro na dimensão *anima-animus*, com os pobres, oprimidos e excluídos, com o nosso corpo, na saúde e na doença, com a nossa alma e seus anjos e demônios interiores, com o nosso espírito e seus sonhos e, por fim, com a grande travessia da morte.

A ética da solidariedade prevê um ser humano solidário como tudo, na vida, na sobrevivência e na morte. Por isso, a lei cósmica que rege a solidariedade se dá na categoria ôntica e política. Da solidariedade política surge a noção de conservação do patrimônio cultural comum da humanidade. De uma visão antropocêntrica passa-se, necessariamente, para uma visão ecocêntrica, tendo a biosfera como grande patrimônio da humanidade. A ética da solidariedade é a ética da preocupação de todos com o todo. O portador dessa ética é a sociedade civil, são as pessoas concretas e as organizações.

A ética da responsabilidade se dá a partir do ser humano que se faz co-responsável pelo destino da humanidade, pela casa comum e pelo planeta Terra. Boff afirma que “...a responsabilidade demonstra o caráter ético da pessoa” (p. 115). A responsabilidade é a capacidade de responder e de atender aos apelos da realidade. São três as concretizações básicas de uma ética responsável: 1. Responsabilidade pelo meio ambiente e pelo pacto do cuidado. 2. Responsabilidade pela qualidade de Vida de todos os seres em defesa da vida a

partir do novo pacto sócio-cósmico (justiça social e ecológica). 3. Responsabilidade geracional por meio do pacto com as gerações atuais em vistas das gerações futuras.

A solidariedade universal é o que permitirá que se concretize este sonho de uma ética do diálogo. Nesta ética, o ser humano se faz ser de relação e ser de comunicação, logo, um ser dialógico. A dimensão dialógica manifesta-se a partir do ôntico e do transcendental como ideal comunitário que transforma a Terra em uma comunidade de cidadãos.

A ética da com-paixão e da libertação toma-se o grande desafio (ético e político) para a humanidade que carrega uma dívida com 2/3 de seres humanos gritando na pobreza, na miséria e na exclusão. Os excluídos(as) são os sobrantes e os descartáveis. Significa que há uma grande desproporção assimétrica, uma injustiça estrutural e um pecado histórico. A reação disso está no fortalecimento da compaixão pela concretização do *pathos*, dinamizando uma possível inclusão social a partir da reintegração participativa. Para o autor, *“...essa ética constitui o mérito do cristianismo de libertação, com sua correspondente teologia da libertação, que faz da opção pelos pobres, contra a pobreza deles e em favor da sua vida e da libertação, seu apanágio e sua marca registrada”* (p. 122).

A ética holística constitui-se como o novo paradigma da humanidade. O holismo vai tentar superar as contradições a partir de uma negação do outro, sem destruí-lo. A humanidade é convidada a assumir uma perspectiva globalizadora e holística, visando o viver feliz e o bem con-viver das pessoas. O pensamento holístico valoriza as diferentes morais e guarda o sentido da unidade e da totalidade complexa e orgânica.

Por fim, a mística e a espiritualidade serão os grandes alicerces para uma ética mundial. Do *pathos* emerge a dimensão espiritual do ser humano e a perspectiva mística. Espiritualidade e Mística são as experiências profundas. Para Boff, *“a espiritualidade é aquela atitude pelo qual o ser humano se sente ligado ao todo, percebe o fio condutor que liga e re-liga todas as coisas para formarem um cosmos... e a mística é a aquela forma de ser e de sentir que acolhe e interioriza experiencialmente esse Mistério sem nome e permite que*

ele impregne toda a existência” (p. 129). A mística e a espiritualidade se fazem presentes nas religiões do mundo como gestadoras da esperança, dos grandes sonhos, da integração, da salvação, e de um destino transcendente do ser humano e do universo. Sem a espiritualidade e a mística, “*a ética se transforma num código frio de preceitos e as várias morais em processo de controle social e de domesticação cultural*” (p. 130).

Em relação às religiões, sabemos que há diferenças doutrinárias com caminhos espirituais diversificados entre elas, no entanto, em alguns pontos, estão (pelo menos devem estar) unidas em busca da construção de um *Ethos* mundial. Estes aspectos comuns são: o cuidado com a vida, um comportamento ético elementar, uma justa medida, a centralidade no amor, o testemunho de figuras éticas/religiosas exemplares e a definição de um sentido para a vida dos seres humanos.

No oitavo capítulo (pp. 135-164) Boff nos apresenta *uma conclusão, mostrando as virtudes de um Ethos mundial*. O ser humano está munido de uma unidade fundamental, de sagrado, de valor como comunidade e de poder que deve ser limitado pelo direito. Por isso, na esteira de um cristianismo ecumênico pode-se postular que o ser humano se faz pela razão e pelo coração, pela cultura material e espiritual, pela liberdade e justiça, pela igualdade e pluralidade, pela coexistência e paz, pela produtividade e solidariedade, pela tolerância e ecumenismo, pela Terra e cosmos, pelos cosmos e a fonte originária que é Deus, e por fim, pela vida terrena, morte/ressurreição e vida eterna. As virtudes do *Ethos* se encontram no ser humano que vive estas dimensões em sua busca de vida em abundância.

Boff nos apresenta os desafios globais baseados naquelas três dimensões do primeiro capítulo: 1. Os empobrecimentos do mundo. 2. Os desempregados estruturais. 3. E o clamor da Terra, o grito ecológico. No preâmbulo, Boff vai dizer que a humanidade deve escolher seu futuro, por isso, devemos reconhecer que somos uma família humana e uma comunidade terrestre com um destino comum. A Terra é o nosso lar, sendo que nos são lançados desafios para o futuro onde cada um é chamado a escolher a: formar uma aliança global

para cuidar da Terra e uns dos outros, ou então, arrisca-se nossa destruição e a morte de toda a diversidade da vida.

Por fim, Boff apresenta a **Carta da Terra** (pp. 151-164) dizendo que são os princípios éticos da carta que formará uma comunidade mundial, respeitando os quatro valores apresentados como: Respeito e cuidado para com a Terra, integridade ecológica, justiça social e econômica e uma democracia da não violência e da Paz.

*Claudemiro Godoy do Nascimento
cursa o 10º ano de Teologia no ITCR
da PUC-Campinas.
e-mail: claugnas@zipmail.com.br*